

O AUTISMO NO PERÍODO DA INFÂNCIA

Rebeca da Silva Gomes¹
Celiane Otilia dos Santos Comper²
Claudia Lopes Perpétuo³

GOMES, R. da S.; COMPER, C. O. dos S.; PERPÉTUO, C. L. O autismo no período da infância. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 17, n. 2, p. 263-272, jul./dez. 2017.

RESUMO: O autismo é um dos mais graves distúrbios do desenvolvimento da criança, que assusta pelo vasto número de características que o indivíduo pode possuir. Quando se é falado em inclusão, grande parte dos profissionais pedagógicos ainda desconhecem a maneira de como lidar com uma criança dita especial. Porém este artigo abrange algumas das características e formas para aprender a lidar com essa síndrome que ainda traz consigo muitos mistérios e que angustia famílias, professores e estimula muitos estudiosos do mundo inteiro a pesquisar para que se tenha uma definição precisa.

PALAVRAS CHAVES: Aprendizagem; Autismo; Desenvolvimento; Infância.

CHILDHOOD AUTISM

ABSTRACT: Autism is one of the most serious child development disorders due to the great number of characteristics the individual may have. When one talks about inclusion, most pedagogical professionals are still unaware of how to deal with such a special child. However, this paper covers some of the features and ways to learn how to deal with this syndrome that still has many mysteries and anguishes families and teachers,

DOI: 10.25110/educere.v17i2.2017.6601

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIPAR – Universidade Paranaense. Avenida Goiânia, 3681. CEP: 87503070 – Umuarama – Pr. E-mail: rebeca.s.gomes@outlook.com.

²Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIPAR – Universidade Paranaense. Rua Manoel Bretas do Evaristo, 2058. CEP: 87508157 – Umuarama – Pr. E-mail: ce.comper@hotmail.com.

³Mestre em Psicologia, docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PIC. End. Rua Sabiá, 2727, Jardim Alphaville. CEP.: 87504-658, Umuarama-Pr. Email: clauperpetuo@prof.unipar.br.

encouraging many scholars in the entire world to find a precise definition.

KEYWORDS: Autism; Childhood; Development; Learning.

EL AUTISMO EN EL PERÍODO DE LA NIÑEZ

RESUMEN: El autismo es uno de los trastornos más graves de desarrollo del niño, lo que asusta es la gran cantidad de características que el individuo puede poseer. Cuando se habla en inclusión, gran parte de los profesionales pedagógicos aún desconocen la forma en cómo hacer frente a tal niño dicho especial. Sin embargo, este artículo cubre algunas de las características y formas para aprender cómo hacer frente a este síndrome, que todavía lleva muchos misterios y angustia a las familias y maestros, y estimula a muchos expertos de todo el mundo a investigar para que se tenga una definición precisa.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje; Autismo; Desarrollo; Niñez.

INTRODUÇÃO

O autismo é um dos mais graves distúrbios do desenvolvimento da criança, ainda não foi encontrado a cura para ele, por isso é prolongado por toda a vida, mas, pode haver melhoras, pois, as crianças com autismo se desenvolvem, porém, de formas diferentes das crianças ditas normais.

Para isto, é necessário um trabalho conjunto com a família, com a equipe pedagógica da escola, havendo a importância também de um diagnóstico cedo. Sabe-se que hoje algumas técnicas comportamentais e educacionais trazem benefícios, pois a melhora nos níveis de recuperação é satisfatória.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano, que ainda surpreende pela diversidade de características que pode apresentar e pelo fato de a maioria das vezes a criança ter uma aparência totalmente normal (MELLO, 2007).

Atualmente, ainda há muitas questões que ainda não foram respondidas. O autismo era considerado um fenômeno raro, mas ultimamente vem aumentando suas formas de apresentação, e também sendo diagnosticados com idades cada vez mais cedo. O autismo intriga e angustia as famílias nas quais convive. Pelo fato de que traz uma carga de isolamento social, dor familiar e exclusão da própria família em diversos

casos. Eles podem possuir um bom funcionamento em algumas áreas, enquanto outras se encontram bastante comprometidas.

Este trabalho abrange algumas características sobre os autistas, bem como importância em desenvolver este estudo e investigar como alguns autores descrevem o autismo.

MANIFESTAÇÃO DO AUTISMO

O autismo foi descrito pela primeira vez, por meio de análises feitas pelo Doutor austríaco Leo Kanner em 1943, residente em Baltimore nos EUA. Escreveu um artigo, em inglês, onde analisou onze casos de crianças que apresentavam isolamento social, alterações na fala e no comportamento (MELLO, 2007).

Um ano depois em 1994, o médico também austríaco, Hans Asperger, formado na Universidade de Viena, a mesma que estudou Leo Kanner, escreve um artigo, no qual relata crianças bastante semelhantes às descritas por Kanner. Ao contrário do artigo de Kanner, o de Asperger levou muitos anos para ser amplamente lido. A razão apontada foi o fato de o artigo ter sido escrito originalmente em alemão (MELLO, 2007).

A palavra “autismo” é originário do grego: *autos*, que significa “de si mesmo” foi criada por Eugene Bleuler, em 1911, para descrever um sintoma da esquizofrenia, que definiu como sendo uma “fuga da realidade”. Kanner e Asperger usaram a palavra para dar nome aos sintomas que observaram em seus pacientes (CORDEIRO, 2007).

A noção de espectro do autismo foi descrita por Lorna Wing em 1988, e suas características variam de acordo com o desenvolvimento cognitivo; portanto, explica que temos os quadros de autismo associados à deficiência intelectual grave, sem o desenvolvimento da linguagem, com padrões repetitivos simples e bem marcados de comportamento e déficit importante na interação social, e também os chamados de Síndrome de Asperger, sem deficiência intelectual, sem atraso significativo na linguagem, com interação social peculiar, e sem muitos movimentos repetitivos tão evidentes (CORDEIRO, 2007).

O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico deve ser feito por um profissional formado em medicina e experiência clínica em casos de autismo (MELLO, 2007). Não existem exames laboratoriais específicos, por isso o diagnóstico é feito basicamente pela avaliação do quadro clínico (CORDEIRO, 2007).

Normalmente, o médico solicita exames para investigar outras possíveis doenças que são identificáveis e podem apresentar um quadro de autismo infantil, como a síndrome de x-frágil, fenilcetonúria ou esclerose tuberosa (MELLO, 2007).

Segundo o autor supracitado, nenhuma das condições apresenta sintomas de autismo infantil em todas as suas ocorrências. Embora haja indícios fortes de autismo, raramente o diagnóstico é conclusivo antes dos vinte e quatro meses, a idade média mais frequente é superior aos trinta meses.

SINTOMAS MAIS COMUNS DOS AUTISTAS

Os sintomas não são totalmente conhecidos. Alguns estudiosos relatam que pode ser proveniente de causas genéticas ou por síndrome ocorrida no desenvolvimento da criança, ou também anormalidades em algumas partes do cérebro ainda não definida de forma conclusiva. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto.

O autismo não pode ser visto como uma doença específica, mas como uma síndrome, pois é a parte de um conjunto de condições classificadas como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. É uma desordem onde o indivíduo não desenvolve relações sociais normais. Em muitos casos a sua inteligência fica comprometida, podendo apresentar retardo mental.

Schwartzman (1995), revela que estudos demonstram que aproximadamente de 10 a 15% de pessoas com autismo tem inteligência na média ou acima. De 25 a 35% funcionam a níveis próximos a deficiência mental leve, enquanto o restante é portador de deficiência mental entre moderada a profunda.

Segundo Mello (2007), recomenda que em termos de prevenção

do autismo, que todas as gestantes tenham cuidados gerais, especificamente com ingestão de bebidas alcoólicas, fumo e produtos químicos, como remédios.

É um distúrbio que se caracteriza por dificuldades e anomalias em diversas áreas: habilidades de comunicação, funcionamento cognitivo, processamento sensorial, relacionamento social e comportamento.

O autismo pode se manifestar desde os primeiros dias de vida. No início a criança pode ser excessivamente calma e sonolenta ou então que chora sem consolo por vários períodos de tempo. Pode também não gostar de colo e rejeitar aconchego (MELLO, 2007).

Para o autor acima citado, um pouco mais tarde os pais notarão que o bebê não imita, não compartilha sentimentos ou sensações e não aprende a se comunicar com gestos como os outros bebês. Como acenar as mãos para cumprimentar ou despedir-se. Não procuram contato ocular ou o mantém por um curto período de tempo.

A criança autista é muito sensível a uma série de sons estímulos visuais, que podem ser muito perturbadores para elas. Podem apresentar pequenas ou nenhuma linguagem expressiva, fala, ou receptiva como compreensão, podem ficar repetindo palavras ou frases, ou mesmo ter um modo peculiar de falar, podem estar fixados em um assunto ou apresentar tom ou volume de voz estranhos (LEAR, 2004).

Podem evitar totalmente o contato social ou serem desajeitadas. As regras sociais podem parecer-lhes muito arbitrárias, complexar, desnorteantes. Não brincam com brinquedos da mesma forma que faria uma criança com um desenvolvimento típico. Usam brinquedos de forma incomum ou inadequada, tem obsessões, como precisar que brinquedos e objetos fiquem sempre no mesmo lugar. Não brincam com amigos, e podem tornar-se obcecadas por um determinado brinquedo e repetir a mesma coisa sem parar (LEAR, 2004).

É comum o aparecimento de movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação do olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como o de morder-se, morder as roupas ou puxar os cabelos, problemas na alimentação são frequentes podendo se manifestar pela recusa a se alimentar ou gosto restrito a poucos alimentos e problemas com o sono também são comuns (MELLO, 2007).

O AUTISTA E A FAMÍLIA

O autismo na infância é marcado por diversos fatores, dentre eles, através das manifestações de comportamentos diferenciados, dos sintomas causados, ou até mesmo pelo diagnóstico que muitas vezes é inconclusivo, dependendo da idade da criança e do nível que a síndrome se encontra. Mas, mais que isto, ele é marcado, principalmente, no contexto familiar, a criança autista sofre tanto quanto os pais inexperientes, que após receberem o famoso diagnóstico, sentem que tudo será diferente, apenas por não conhecerem como ocorrem estes processos.

Para Andrade e Teodoro (2012) é através da apresentação dos sintomas de autismo inicial que o contexto familiar sente rupturas imediatas na medida em que há mudanças de suas atividades normais do dia a dia, ocorrendo também uma transformação emocional nos indivíduos. A família se modifica em torno das dificuldades de sua criança, sendo essa mobilização determinante no início da adaptação.

A partir do contato com as representantes legais de pessoas com autismo, foi possível notar que o conhecimento dessas pessoas acerca do transtorno autista constituiu-se, quase que exclusivamente, de acordo com a convivência junto à pessoa. Há pouco entendimento/conhecimento formal a respeito. Minimamente, há uma reprodução um tanto quanto distorcida e/ou fragmentada do discurso médico. As narrativas do processo diagnóstico e as respostas a propósito do conhecimento sobre o autismo, possibilitam acreditar que a maioria das famílias não foi suficientemente esclarecida a respeito, haja vista a necessidade de as entrevistadas se reportarem às características de seus filhos (ou dependentes) para explicar o que se trata (MORAES; RONDINI; SANTOS, p. 11. s/a).

Se torna necessário então, na tentativa de minimizar o sentimento de angústia vivenciado pelos familiares, que haja explicações mais precisas e detalhadas por parte do profissional que acompanha o indivíduo com autismo e que comunica este diagnóstico à família, já que a família em muitos dos casos não está preparada para recebê-lo, e as reações de frustração, stress e desequilíbrio emocionais são muito presentes nesses momentos. Ribeiro (2011), compreende que um diagnóstico impreciso,

provoca uma grande ansiedade no núcleo familiar. Além disso, a amplitude destes sentimentos, ocorrem durante e após o processo para obtenção do diagnóstico, são tomados por estas reações seja ela a insegurança, a raiva e muitas vezes a culpa, ocasionada provavelmente pelo fato de não se conhecer a causa deste transtorno.

Borges e Boeckel (2010) afirmam que o nascimento de um filho autista representa a necessidade de alterar os sonhos e as expectativas construídas em torno de um filho saudável. Essas expectativas quando não alcançadas, as limitações e as imperfeições do filho acabam gerando ansiedade nos pais, levando-os a passarem por um período de luto.

É certo que nestas condições todos os membros da família são afetados ou diretamente, causando estresse diário, como a redução das interações sociais, ou indiretamente, por exemplo, o impacto financeiro. Considerando todos os processos que ocorrem na família como amplo, é importante observar tanto o impacto de um membro com autismo sobre a sua família, quanto influência do comportamento dos membros da família sobre o indivíduo com autismo.

Para Bueno (2009), desde o momento em que as famílias se deparam com o “universo” autista, modificam definitivamente a sua dinâmica de vida e, dessa forma, passam a valorizar todos os tipos de apoio que lhes são ofertados, no âmbito seja ele social, psicológico ou econômico.

A RELAÇÃO DO AUTISMO COM A APRENDIZAGEM

O aprendizado das crianças autistas é mais lento, pois os autistas não mantêm a atenção no aprendizado, geralmente requer várias repetições para que os conceitos sejam dominados.

As crianças autistas podem não aprender ao observar o outro, colegas, pais, irmãos, professores. Alguns comportamentos frequentes podem atrapalhar no aprendizado como por exemplo, balançar o corpo, abanar as mãos, girar em círculos, correr em círculos, tamborilar os dedos, girar uma caneta ou balançar o pé (LEAR, 2004).

Dentro da sala de aula é necessário no início, trabalhar em um ambiente muito controlado, com um mínimo de estímulos visuais e auditivos. O professor precisará trabalhar para motivar a criança a aprender. Reforçadores como elogios e aprovação, podem não ser eficazes (LEAR,

2004).

É importante que o professor verifique alguma frequência que o aluno esteja acompanhando o assunto da aula. O aluno deve sentar o mais próximo possível do professor.

Cabe ao educador fazer com que o aluno com autismo seja importante, acolhido, seja chamado para ajudar o professor algumas vezes. Use agendas e calendários, listas de tarefas de verificação.

As crianças com autismo podem necessitar de um cuidador individual, dependendo de seu grau de comprometimento, para poder trabalhar e concentrar-se por períodos cada vez mais longos. É preciso que ele saiba pedir ajuda, nas situações de dificuldade.

Deve ser estimulado a trabalhar em grupo e a aprender a esperar a vez.

É preciso ter apoio durante o intervalo onde, por exemplo, poderá dedicar-se a seus assuntos de interesse, pois caso contrário poderá vagar. Cabe à escola verificar se o aluno está sendo alvo de brincadeiras, ou preconceitos.

Todas as vezes que o aluno for bem-sucedido, é necessário eu ele seja elogiado, mesmo que o elogio possa não ser muito eficaz.

A INCLUSÃO DOS AUTISTAS NO MEIO ESCOLAR

Quando pensamos em inclusão, já tem-se a ideia de que colocando uma criança autista em uma escola regular junto com as demais, automaticamente ele já começa a aprender e a imitar as crianças de desenvolvimento relacionado. Já vimos que crianças com autismo raramente imitam outras crianças. Portanto, só passa a fazer isso quando desenvolver a consciência dela mesma.

Algumas crianças que tem autismo podem demorar muito neste processo de aquisição da consciência sobre si próprio, e outras podem jamais vir a desenvolvê-la (MELLO, 2007).

Talvez se faz necessário antes da inclusão em uma escola de ensino regular, ter um atendimento especializado, ajudando a criança a ter um desenvolvimento da consciência sobre si próprio.

Porém, os professores precisam estar bem preparados, para que seja desenvolvida uma educação de qualidade que é um direito de todos.

É essencial para os educadores, incluindo todos da equipe pedagógica, que seja feita uma integração em esse sujeito. É de extrema necessidade que esses profissionais venham a se especializar, se empenhar, conhecer esse aluno, suas dificuldades, para que possam elaborar conteúdos, e adaptá-los para que todos mesmo quem em tempos diferentes possam aprender a desenvolver suas potencialidades, que todos tenham o seu direito cumprido da educação de qualidade.

A escola tem papel na superação dos preconceitos, e seu objetivo maior é formar cidadãos críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi elaborado com o intuito de conhecer mais sobre os autistas, pois vivenciamos vários casos, tanto onde trabalhamos, quanto em nossas próprias famílias, que foi o que nos impulsionou a desenvolver esta pesquisa, e vimos que isto é mais comum do que imaginávamos.

Sentimos a grande necessidade de desenvolver sobre o assunto, para podermos conhecer mais profundamente, contudo, futuramente servirá de grande valia para nós profissionalmente, podendo auxiliar aqueles que ainda têm dúvidas e ou desconhecem o fato. O autismo ainda tem muitos mistérios, não existem ainda pesquisas com resultados precisos.

Observamos que não é uma tarefa fácil, ser educador de uma criança com autismo, mas também que é direito dela de ter uma educação de qualidade como todos os outros, ditos normais.

Portanto, cabe aos futuros professores que poderão trabalhar com a educação especial estarem muito bem preparados, fazendo tudo que está ao seu alcance, dando o melhor de si, para que possamos mudar gerações, quebrar paradigmas, preconceitos, e tentar construir uma sociedade igualitária.

É preciso aceitar desafios, ter amor à profissão, acolher estes alunos de braços estendidos e cooperar com o desenvolvimento do ensino aprendizagem deles, para que se torne realidade o sonho de uma escola que trabalha para o desenvolvimento de todos com o objetivo de formar cidadãos, prontos para ingressar na sociedade ao qual já estão basicamente inseridos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. A.; TEODORO, M. L. M. **Família e autismo: uma revisão da literatura.** Minas Gerais, 2012.
- BORGES, H. C. M.; BOECKEL, M. G. **O impacto do transtorno autista na vida das mães dos portadores.** Taquara, 2010.
- BUENO, R. S. **Descrição de um programa de orientação às famílias, de crianças e jovens com comportamentos típicos de autismo.** Piracicaba: UNIMEP, 2009. Disponível em: <www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/7mostra/4/174.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- CORDEIRO, A. M. **O autismo: uma intervenção psicoterapêutica no âmbito familiar e social.** Niterói, 2007.
- LEAR, K. **Help us learn: a self-paced training program for ABA.** 2. ed. Toronto, 2004.
- MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo: guia prático.** 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.
- RIBEIRO, S. H. B. **O impacto do autismo na família.** Revista Autismo. 2012. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/RevistaAutismo001.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- SANTOS, A. L. M.; MORAES, F.; RONDINI, C. A. **Escalas de traços autistas: instrumentos adequados, receptividade familiar e intervenção precoce.** São Paulo, s/a.
- SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon, 1995.

Recebido em: 03/03/2017
Aprovado em: 26/07/2017